

XV ENCONTRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS DO NORTE E NORDESTE e PRÉ-
ALAS BRASIL

04 a 07 de setembro de 2012, UFPI, Teresina-PI

GT05 - Culturas Corporais, Sexualidades e Transgressões: novas moralidades
em debate na era dos Direitos Humanos

O engajamento político de lideranças “gays” em Aracaju (1981-2011)

Marcos Ribeiro de Melo (UFS)

e-mail: marcos_demelo@hotmail.com

I – Introdução

Em março de 1981, numa casa localizada em uma vila no centro da capital sergipana, alguns amigos se reuniram para fundar aquela que seria a primeira associação “homossexual” de Aracaju, o “Grupo Dialogay de Sergipe” (GDS, 1981). Naquele momento ecoavam as vozes políticas dos “homossexuais” que se apresentaram como “minorias oprimidas” junto às vozes de operários e estudantes a partir de 1978, no final do governo Ernesto Geisel, no sudeste do Brasil (SIMÕES e FACCHINI, 2009).

Se não se pode negar a existência de diferentes contextos históricos que possibilitaram aquela reunião e os encaminhamentos futuros da instituição e do próprio movimento em Aracaju, a exemplo da abertura política propiciada pelo arrefecimento da ditadura militar no final da década de 1970 e da interferência do Estado no combate ao HIV/AIDS, por outro lado, pouco se discutiu a respeito do engajamento dos agentes desta mobilização e da constituição de seus “gostos” pela luta em defesa dos direitos dos “homossexuais” e dos LGBT.¹

Nesta direção o trabalho examina o engajamento de sete lideranças “gays” em Aracaju no período de 1981 a 2011. A proposta de analisar lideranças, elites ou grupos dirigentes está vinculada não à possibilidade de ter como objetos de estudos os grupos ou indivíduos, mas seus recursos e princípios de legitimação, as estruturas de poder e dominação subjacentes a tais práticas. Um dos principais meios para tal fim são os estudos acerca dos critérios de recrutamento e seleção de lideranças, focando as diferentes condições e modalidades de engajamento (CORADINI, 2008).

É necessário destacar que a delimitação da categoria liderança não se restringe aos agentes em cargos de direção/presidência das ONGs “LGBT”, mas se estende aos agentes que têm participação em outros campos em conexão com a militância, como o campo acadêmico e o próprio Estado. Como apontam Abers e Bullock (2011, p.64), “pensar o Estado como um bloco homogêneo que opera em um espaço organizado distinto”, na América Latina, e especificamente no Brasil, dificulta o reconhecimento de redes que cruzam as fronteiras entre Estado e movimentos sociais. Nesta direção, as mesmas

¹ Designação referente aos segmentos de lésbicas, gays, bissexuais, travestis e transexuais.

pesquisadoras identificam dois padrões de intersecção entre Estado e movimentos sociais no Brasil: “incorporação de ativistas de movimentos sociais em cargos governamentais e a formação de novos movimentos sociais a partir da interlocução entre ativistas dentro e fora do Estado ABERS e BULLOW, 2011, p.65) .

A partir deste posicionamento, afastamo-nos do embate “Movimentos Sociais *versus* Estado” e associamo-nos à compreensão de Diani (2009) sobre movimentos sociais, percebendo-os como “redes” de interações entre uma pluralidade de indivíduos, grupos ou associações, engajadas num conflito cultural ou político e que compartilham uma identidade coletiva.

Deste modo, o trabalho tenta responder a questões da seguinte ordem: Que propriedades sociais dos agentes possibilitaram seus engajamentos? Como e que tipo de redes sociais e de lógicas se articulam e tal processo? Que mudanças geracionais podem ser percebidas entre os militantes em questão?

Como possibilidade de responder a estas perguntas, realizou-se uma análise, em três níveis distintos, das trajetórias de sete líderes dos movimentos “homossexual” e “LGBT”. Captaram-se suas (1) origens sociais (familiar e escolar), (2) redes sociais de pertencimento e (3) lógicas de engajamento e retribuição. Para este fim utilizou-se como principal expediente o uso entrevistas biográficas.

A análise do percurso de uma trajetória, dentro do campo político, possibilita o acesso objetivado aos “códigos de leitura”, às “superfícies sociais”, aos “esquemas de percepção” e “disposições”, que garantem aos agentes a posse da “política” (BOURDIEU, 2008a; 2007). Segundo Fillieule (2001), quando aplicada ao engajamento político, a noção de trajetória permite perceber o militância como processo e trabalhar as predisposições, a passagem ao ato, as formas diferenciadas e variáveis do tempo tomado pelo engajamento e as multiplicidades de engajamentos ao longo do ciclo de vida (FILLIEULE, 2001, p.201).

Além disso, as trajetórias servem para ilustrar formas típicas de comportamento ou *status*, não sendo de uma pessoa singular, mas de um indivíduo que concentra as características de um grupo. Desta feita, na construção das biografias há uma preocupação com o estabelecimento das “normas e regras estruturais (estruturas familiares, mecanismos de transmissão

de bens e de autoridade, formas de estratificação ou de mobilidade sociais etc.)” (LEVI, 1996, p.175). A seguir nos deteremos à delimitação das categorias que nortearão nossa percepção acerca do objeto a ser estudado.

II – O “gosto” pela luta: origens sociais, redes e lógicas de engajamento/retribuição

Aliar-se a uma ação coletiva, empenhar-se em uma luta e dedicar uma vida em prol de ideais compartilhados por um grupo envolve múltiplas dimensões. A aprendizagem do “gosto” pela militância e todo sentido a ele atribuído estão associados tanto a aspectos macro sociais, como os contextos histórico-culturais e as oportunidades políticas, quanto aos micro sociais, a exemplo das disposições a militar, as redes sociais estabelecidas, os processos identitários e os elementos afetivos envolvidos.

Para Bourdieu (2008b), a “participação política” ou o engajamento de um agente guarda relação direta com seu capital econômico e escolar, além de sua posição social. Entretanto, adverte o autor, a relação entre estas variáveis não se dá de maneira simples e direta, meramente fruto de uma “distribuição desigual da competência especificamente política” (BOURDIEU, 2008b, p. 381). Dito de outra maneira,

[...] não basta levar em consideração a capacidade de compreender o discurso político, de reproduzi-lo, até mesmo, produzi-lo, que é garantida pelo diploma escolar; convém fazer intervir, também, o sentimento – autorizado e incentivado do ponto de vista social, de ter autoridade para falar politicamente das coisas políticas, implementando uma cultura específica, ou seja, princípios de classificação e de análise explicitamente [...] (BOURDIEU, 2008b, p.383)

Deste modo, Bourdieu (2008c) aponta a existência e a necessidade de um sentido para as ações dos agentes. Estas ações, por sua vez, estão sempre vinculadas ao envolvimento e investimento dos mesmos num determinado campo que implica, necessariamente, na articulação de

disposições para reconhecer o “sentido do jogo” (*illusio*), neste caso, a importância da “luta” e da militância².

Contudo, distribuições desiguais do capital escolar, social, político e militante³ não esgotam a compreensão a respeito do engajamento. O desvendamento das redes sociais às quais os militantes pertencem parece ser um caminho complementar a uma análise do engajamento. Como aponta Oliveira (2007, p. 673),

[...] no que pese a extensão dada ao conceito de classe e à sua pertinência na análise da participação política, um dos problemas que persiste nesse tipo de análise é a “fixação” nos determinantes de origem e de posição de classe e a dificuldade em integrar os pertencimentos múltiplos dos atores sociais na análise dos processos de socialização, de geração e de modificação das disposições que conduzem à participação nas mobilizações coletivas.

Assim, averiguar as redes sociais é um importante viés analítico do engajamento militante. As redes conectam os ativistas dos movimentos sociais e os seus simpatizantes às redes privadas e públicas, formais e informais, organizacionais e pessoais. Amigos, parentes, colegas, vizinhos podem afetar a decisão de se envolver em um movimento. Os indivíduos podem também ser vinculados através de redes indiretas, geradas por articulação com atividades específicas e/ou eventos (DIANI, 2009), a exemplo de grupos de leitura, cafés, teatros e cinemas alternativos (DELLA PORTA e DIANI, 2006).

Portanto, o processo de engajamento individual não pode ser entendido excluindo-se os contextos estruturais e relacionais das intenções dos agentes. O contexto sócio-cultural define a possibilidade, entendida como potencialidade, de alguém se engajar a um movimento social. Todavia, “sem a presença de redes que também exponham os agentes às oportunidades de mobilização, o potencial de mobilização fica fraco e é, além do mais, improvável que os indivíduos convertam seu potencial de mobilização em ação” (PASSY, 1998, p. 61).

² Gaxie (1978) ratifica esta análise bourdiana a partir de sua pesquisa sobre o engajamento de agentes de partidos políticos franceses.

³ O capital militante diz respeito às aprendizagens realizadas nas práticas da militância, no espaço de luta (MATONTI e POUPEAU, 2004).

As redes sociais passam a ser uma importante fonte de recrutamento para as organizações e, ao mesmo tempo, através das interações proporcionadas, de produção de sentido para a mobilização de seus participantes. Nesta direção, a agência não é totalmente determinada pelo contexto e, analisando-se os sentimentos e percepções acerca do seu engajamento, tem-se acesso às estruturas de significação do compromisso político (PASSY & GIUGNI, 2000).

Por outro lado, ao analisar o engajamento militante, o trabalho de Gaxie (1977) aponta que, tanto as contribuições dos agentes ao militância quanto suas recompensas/retribuições, são resultado da relação entre as suas propriedades sociais (agentes) e dos recursos da instituição à qual ele se vincula. Assim, as proposições deste autor servem como possibilidade explicativa acerca das condições de sustentação de uma instituição a partir de uma série de lógicas de retribuições de diversas ordens: afetivas, ideológicas, humanitárias, financeiras, etc.

Ao analisar a relação entre engajamento e afetividade, Sommer (2010) admite que os sentimentos são instrumentos de modelagem e de manutenção da lealdade para os membros de um grupo. A afetividade também se ligaria à autopercepção dos agentes, modelando um grupo de semelhanças entre o “eu” e “nós” com objetivos a manter a fidelidade ao grupo e seus princípios, através da articulação entre afetivo, o emocional, o cognitivo e o simbólico.

Broca e Fillieule (2009), por sua vez, evocam a importância das emoções em seus estudos sobre os movimentos de combate ao HIV/Aids na França (Act Up). Segundo os pesquisadores, a literatura sobre o tema aponta duas de análise. Na primeira, as emoções são fator explicativo da passagem ao ato, segundo as oportunidades políticas ou os motivos individuais do engajamento. Numa outra perspectiva, as emoções são vistas como “um meio de manter o engajamento pela ativação de um sentimento de adesão e de efervescência, pelo reforçamento das identidades e das solidariedades do grupo e, enfim, pelos efeitos socializadores que elas produzem” (BROCA e FILLIEULE, 2009, p. 142).

Corroborando esta percepção e relacionando a dimensão afetiva ao engajamento de agentes LGBT, Britt & Heise (2000) apontam que os movimentos têm a habilidade de modificar emoções, conectar os agentes e

gerar o engajamento em torno de organizações e “causas” e, desta forma, produzir identidades políticas. Os agentes disponibilizariam de um “capital emocional”, acionado e modificado por determinados dispositivos, como as propagandas, em proveito da mobilização política. Isto poderia ser observado no movimento “gay” que transforma emoções de “estado de vulnerabilidade”, como o “medo” e a “vergonha”, em emoções como “raiva” e “orgulho”, potencializando a participação individual.

III – Engajamento e gerações de lideranças “gays” em Aracaju

Nesta parte do trabalho serão averiguadas as trajetórias de sete lideranças “gays” (José, Tadeu, Francisco, João, Renato, Rafael e Gabriel) a partir de três níveis de análise: suas origens sociais, suas redes sociais de pertencimento e as lógicas de engajamento e/ou retribuição dos agentes. Os dados (ver Quadro 1) apontam a existência de três gerações distintas de lideranças. As diferenças encontradas entre as gerações são demonstradas a partir de três modalidades de engajamento.

3.1. Engajamento e “desmunhecação”

Na capital sergipana, Aracaju, a história do associativismo “homossexual” data da década de 1980, como anteriormente citado. Os anos que antecederam a este fato, no final da década de 1970, foram marcados como um período de início da abertura política da ditadura militar no país. No sudeste do país, na cidade de São Paulo, exatamente em abril de 1978, foi fundado aquele que é considerado o primeiro jornal de mobilização política em defesa da “homossexualidade” no Brasil, o *Lampião da Esquina* e também o *Grupo Somos*, a primeira “organização duradoura e bem sucedida de liberação de gays” (GREEN, 2000a, p. 432), que daria início à “primeira onda” do movimento homossexual no Brasil (FACCHINI, 2005; SIMÕES & FACCHINI, 2009).

O jornal reunia em seu conselho editorial uma significativa rede de “homossexuais” de classe média, entre jornalistas, escritores e intelectuais (GREEN, 2000a; FIGARI, 2007; SIMÕES & FACCHINI, 2009). Notava-se entre

os participantes um alto nível de titulação e, em alguns casos, experiências de internacionalização. Em contrapartida, demonstrando um contexto diferenciado e propriedades díspares daquelas apresentadas pelos agentes da mobilização no sudeste, José, a principal liderança do movimento “homossexual” em Aracaju, fundador do Dialogay, era um jovem operador de fotocópia e atendente em um cartório na capital. O vice-presidente, no mesmo período, também tinha origens humildes. Seu avô era agricultor e sua avó lavadeira e sua mãe dona-de-casa, todos sem nenhum tipo de participação política (ver Quadro 1).

QUADRO 1. Origens sociais dos agentes

Nome	Idade	Profissão/Ocupação dos avós	Profissão/Ocupação dos pais (pai/mãe)	Escolaridade pais (pai/mãe)
José	56	-----	Guarda noturno /Dona de casa	Analfabeto/ Primário
Tadeu	48	Agricultor/Lavadeira	Coletor de impostos/Dona de casa	2º Grau/ Primário
João	38	Pedreiro/Ambulante	Pescador, Pedreiro, Contabilista/Dona de casa	2º grau/1º grau
Francisco	40	Lavradores	Pecuarista, Citricultor/Feirante	Primário
Renato	36	Avô paterno juiz de direito	Fun. públicos medianos	1º grau
Rafael	22	Alfaiate/Costureira	Prof. do Estado, Eng. Químico/Médica	Nível Superior
Gabriel	22	Médico/Dona de casa	Func. Público, Eng. Civil/Empresária	Nível Superior

O quadro de militantes do grupo sergipano Dialogay na sua época de inauguração⁴, no início da década de 1980, era composto por amigos que haviam se conhecido em pontos de Aracaju frequentados por “gays”⁵ (Praça Fausto Cardoso, Sorveteria Yara, banho doce na Praia de Aruana e Praia da Atalaia Nova). O perfil profissional dos participantes era variado, e incluía um

⁴ Informações da entrevista realizada com Tadeu, em 21/10/2010, vice-presidente no grupo no período.

⁵ Os espaços de homossexualidade no nordeste brasileiro, neste período, são descritos por Albuquerque Junior & Ceballos (s/d) através de análises de cartas dirigidas ao *Lampião da Esquina* entre os anos de 1978 e 1981. Segundos os autores, as cartas apontam uma série de espaços de “pegação”, cinemas, algumas saunas, discotecas e até mesmo bares exclusivamente “gays”, em cidades como Teresina, São Luís, Recife, Olinda, Fortaleza, Juazeiro no Norte e Maceió.

cozinheiro, um bailarino, um decorador e dois cabeleireiros, tornando possível inferir que, provavelmente, tinham baixa escolaridade.

Quanto às “causas” abraçadas pelo Dialogay no período em que militou no mesmo, Tadeu aponta para a necessidade, naquele momento, de dar visibilidade à “homossexualidade”, fato se refletia na estética adotada pelos integrantes do grupo que, naquela época, incluía o uso de brincos, cabelos compridos e coloridos. “A gente buscava ser visto, a gente buscava chocar para discutir. Pelo menos esse era o meu pensamento. [...] Tornar visível (a homossexualidade), tornar combativa no sentido de provocar o embate. A proposta era deixar claro que éramos (“gays”), e que a gente não tinha nenhum problema com isso”⁶.

Segundo MacRae (1982), os comportamentos de desmunhecação e escândalo e, em alguns momentos, até mesmo de violência, foram adotados tanto por grupos nos Estados Unidos quanto na Europa no final da década de 1960, depois do aparecimento do movimento hippie, de contracultura e dos eventos em Paris de 1968. “Assumir-se” era a palavra de ordem no início da década de 1980 na mobilização “homossexual” também no Brasil.

Em Aracaju, os usos destes comportamentos são confirmados por Rosa (2005) que aponta, no início da década de 1980, a utilização do slogan “É legal ser homossexual” pelo Dialogay como estratégia de valorização da “prática homossexual”, com a “perspectiva de assumir-se em público, através de trejeitos, roupas e adereços, ou o simples ato de colocar um brinco na orelha, como uma espécie de transgressão e/ou ato de auto-afirmação” (p. 23). Dessa maneira, cunhava-se aquilo que deveria ser a militância “gay” em Aracaju e seus objetivos naquele momento.

As duas biografias analisadas possibilitaram a identificação de uma modalidade comum à participação política neste período. Ela caracteriza-se, em geral, por um alto nível de adesão às causas defendidas e à instituição, origens social e econômica baixas⁷, poucos investimentos escolares,

⁶ Entrevista realizada com Tadeu em 21/10/2010

⁷ Segundo Marsiaj (2003) no Brasil, assim como em vários outros países latino-americanos, a maioria dos participantes no movimento gay e lésbico é de classe baixa ou média baixa, e as lideranças de classe média. “Um engajamento político e público no movimento gay representa um risco material maior para os indivíduos de classe alta, que têm muito a perder e consequentemente tendem a ser mais conformistas e conservadores.” (p. 144-145).

vinculação às redes informais de amizade e afetivo-sexuais como principal forma de engajamento e pelo uso da biografia militante, no caso de José, em reconversões⁸ do “capital militante⁹” em “capital político partidário” para a ocupação de cargos eletivos ou ainda a reconversão, no caso de Tadeu, em cargos municipais. A dimensão afetiva também parece ter sido importante para o engajamento, pois a submissão a situações de violência estão presentes nas trajetórias dos dois líderes e são apresentados em seus discursos. A biografia de José é ilustrativa desta modalidade.

Nascido em 1954, José é auxiliar administrativo da Petrobrás desde 1985. Filho do meio de uma prole de quinze de uma família evangélica de poucos recursos, teve forte socialização religiosa. Sua mãe era dona de casa e zeladora da igreja que freqüentavam, seu pai era guarda noturno do município de Aracaju, ambos com baixo nível de escolarização (pai analfabeto e mãe com 1º grau incompleto). José, em sua adolescência, ao final da década de 1960, teve participação ativa na sua congregação, assumindo posto de “presidente de classe da juventude” e “professor de classe” numa igreja em Recife-PE. Lá aprendeu a mobilizar as pessoas e a realizar eventos. Após conflito com o pastor de sua instituição, que dizia respeito a sua “orientação sexual”, desvinculou-se do credo protestante, ingressando na igreja católica na década de 1970, na qual fundaria, de maneira clandestina, com participação de um padre, uma “Comunidade Católica Homossexual”. “A gente se reunia no fundo da casa dele (do padre) para falar de Deus para a juventude homossexual, que não era pecado [...]”. Quanto à trajetória escolar, José realizou seus estudos em escolas públicas, inicialmente no Grupo Escolar Dr. Manoel Luís, indo posteriormente para o Colégio Costa e Silva e depois Colégio Atheneu Sergipense, onde cursou o segundo grau, não o concluindo. Um dos fundadores do Partido dos Trabalhadores (PT) em Sergipe no ano de 1980, José protagonizou, no ano seguinte, a criação do “Grupo Dialogay de Sergipe” que contava com amigos pessoais e a participação do líder do “Grupo Gay da Bahia”. A crescente projeção do Dialogay na segunda metade da década de 1980, devido às ações no combate à AIDS, tornou possível a José se lançar como candidato à Câmara de Vereadores em Aracaju no ano de 1988 pelo PT (Partido dos Trabalhadores). Apesar da derrota, é interessante expor a utilização pelo candidato da sua “homossexualidade” e a sua tentativa de reverter seu capital militante em capital político, processo observável em seus “slogans” e no seu programa. Os slogans, “Voto: ponha o seu no José”, “José: a compreensão entre os homens”, “Ponha tudo no candidato que você acredita – José” e “José – é para quem entende”, demonstram a utilização da visibilidade de sua orientação sexual como formas de angariar eleitores. Além disto, a “dezena 24” foi escolhida pelo próprio candidato para lhe representar.

⁸ Estas se caracterizam por estratégias através das quais os indivíduos ou as famílias visam a manutenção ou a melhoria de sua posição social, mantendo ou aumentando seu capital através da reconversão de uma espécie de capital numa outra mais rentável e/ou mais legítima (BOURDIEU, 2008c).

⁹ De acordo com Matonti & Poupeau, o capital militante é uma dimensão do engajamento que diz respeito às aprendizagens adquiridas, em boa parte, no campo político, nele se valorizando, mas também se reconvertendo em outras esferas. É imprescindível, todavia, salientar a importância crescente, segundo os autores, do capital escolar para a aquisição do capital militante, pois sua transmissão tem se dado “cada vez menos em seus locais tradicionais e de geração em geração” (MATONTI & POUPEAU, 2004, p. 7), sendo as competências escolares a alavanca para sua aquisição.

Entre suas promessas estavam presentes a “defesa das minorias”, conscientização das pessoas em relação à AIDS e a implantação da educação sexual nas escolas. Em 1991 José fundou, sob os auspícios de membros da Secretaria Estadual de Saúde, o “Grupo de Apoio e Prevenção à AIDS do Estado de Sergipe”. As causas defendidas por José como presidente do “Grupo Dialogay” também envolviam, pontualmente, a luta contra a “violência anti-gay”, seguindo o trabalho iniciado pelo presidente do “Grupo Gay da Bahia”, mas sem a mesma ênfase dada à prevenção e combate ao HIV/AIDS, fato perceptível pelas referências ao ativista na imprensa local e à sua atividade frente às “vigílias” em prol das vítimas e às campanhas anuais. Por pressões de membros do grupo, frente às denúncias de desvio de dinheiro de um projeto, José deixou a presidência do “Dialogay” após 15 anos à sua frente, em 1996. Seu engajamento, contudo, não se encerrou. No início da década de 2000 esteve à frente da fundação de dois outros grupos LGBT em Aracaju e, em 2005, após ser transferido pelo seu emprego para o município baiano de São Sebastião do Passé, fundou outra instituição onde continua a exercer sua militância. É recorrente em suas participações na mobilização em Aracaju ser citado como “Presidente de Honra do Movimento LGBT” em Sergipe.

3.2. Engajamento na época do combate ao HIV/Aids

Em meados da década de 1980 o movimento “homossexual” sofreu o forte impacto de uma desconhecida doença que se espalhava e matava, com espantosa velocidade, os homens “gays”. Segundo Armstrong (2002), a epidemia do HIV/AIDS modificou muitos aspectos do movimento identitário “gay”: os estilos de vida e os corpos dos homens ‘gays’, as crenças a respeito da segurança e salubridade do sexo “gay” e o orgulho identitário.

No Brasil, as respostas ao avanço da epidemia do HIV/AIDS fizeram com que muitos ativista se vinculassem ao combate da doença (GREEN, 2000b) ainda no final de década de 1980. A relação entre o movimento “homossexual” e o HIV/AIDS e, principalmente, as relações que começaram a se estabelecer com o Estado, podem ser interpretadas como positivas para a mobilização. Os investimentos financeiros e a criação de políticas estatais, em articulação com instituições internacionais como o Banco Mundial, cujo objetivo era o combate ao avanço da epidemia de HIV/AIDS no Brasil, na década de 1990, tornaram possível a organização, segmentação e o fortalecimento da mobilização identitária “homossexual” (GREEN, 2000b, FACCHINI, 2004; 2005; 2009; SIMÕES & FACCHINI, 2009)¹⁰.

¹⁰ Em seus trabalhos Facchini (2004;2005;2009) aponta também a importância do surgimento de um crescente “mercado GLS” como um dos fatores para o fortalecimento e segmentação da “identidade homossexual” na década de 1990. Contudo, em Aracaju, este aspecto é relativizado, dada a limitada potencialidade deste “mercado” na localidade, pelo menos, neste período.

A primeira notificação de soropositividade em Sergipe, em 1987¹¹ e a criação de um Programa Estadual DST/AIDS, no mesmo ano, tornaram mais estreitas as relações da Secretaria de Saúde do Estado¹² com o “Grupo Dialogay” e fortaleceu o vínculo já existente com o “Grupo Gay da Bahia”. Em 1989, com crescente número de casos em Sergipe, principalmente afetando os “homossexuais” e “bissexuais”, foi criado no “Dialogay” o “Comitê de Apoio às Vítimas da AIDS” (Coavita).

Em 1993, a implementação do “Projeto de controle de Aids e DST”, conhecido também como “Aids I”, exigia a participação das ONGs no combate à epidemia, por achar que estas instituições estavam próximas à comunidade (HOLANDA e VIEIRA, 2010). Rosa (2005) afirma que diferente de outras organizações espalhadas pelo país (GGB, Nuances, Dignidade, etc.), que conseguiram se estruturar a partir da participação no edital do Ministério da Saúde, o “Dialogay” não obteve o mesmo êxito.

É também neste contexto de prevenção ao HIV/Aids que surge, em 1999, a primeira organização de travestis aracajuana, a “Associação de Travestis Unidas”, em parceria com a “Coordenação Estadual de DST/Aids” de Sergipe, sob os auspícios de uma Assistente Social, não “travesti”, vinculada à “Secretaria Estadual da Saúde”.

De acordo com Simões e Facchini (2009), a incorporação das travestis como alvo de investimentos dos programas de DST e Aids ampliou o número destas associações e sua organização, através do financiamento de eventos como o “Encontro de Travestis e Transexuais que atuam na luta e prevenção à AIDS” (Entlaids), realizado em várias regiões brasileiras. Entretanto, a bandeira da prevenção e de combate ao vírus, com o passar dos anos, deu lugar e suporte para o aparecimento de outras demandas, como a de mudanças na segurança pública, o acesso à educação e ao mercado de trabalho.

As intervenções estatais não só implicaram na ampliação das lutas, mas também na capacitação e fortalecimento das associações e no incremento dos quadros da militância com a formação de lideranças “trans”, dentro de uma lógica de “empoderamento” do segmento “trans” (CARVALHO, 2011). O

¹¹ Tratava-se de um auxiliar de enfermagem que havia migrado para São Paulo e retornara a sua cidade natal, Santa Luzia do Itanhy (Sergipe) (REZENDE JUNIOR, s.d.).

¹² No ano anterior, em 1986, havia sido criado o “Programa Nacional de Combate ao HIV e Aids” pelo Ministério da Saúde (BRASIL, s/d).

“Projeto Tulipa”¹³ é o mais profícuo exemplo deste processo. Tratou-se de um projeto executado em âmbito nacional pela ANTRA (Articulação Nacional de Transgênero), iniciado em 2003, com duração de três anos. Inicialmente desenvolvido com apoio financeiro da *Pathfinder*¹⁴ e depois do Programa Nacional de DST-AIDS/Ministério da Saúde. Seu principal objetivo era o de diminuir a vulnerabilidade das transgêneros ao HIV/AIDS. Para isso investiam em capacitação e fortalecimento de grupos e de lideranças “trans”.

É neste contexto de combate ao HIV/Aids e de intervenção/investimento estatal, que um novo quadro de lideranças “gays” começa a se estruturar ainda dentro do “Grupo Dialogay”. É possível observar uma modalidade de engajamento diferenciada daquele existente na década de 1980.

O itinerário de João, líder “gay” no “combate ao HIV/AIDS” na década de 2000, aponta origem social vinculada à classe baixa, com significativo investimento escolar em sua trajetória. Possuiu socialização religiosa no seio familiar com importantes aprendizagens para o ativismo. João conviveu com sua avó, mulher muito católica, liderança de bairro, que exerceu forte influência em sua vida, fazendo-o participar, quando criança, da “Legião de Maria” onde desenvolveu trabalhos de caridade, visitando orfanatos e asilos.

As redes de amizade estabelecidas em sua militância partidária (PC do B) lhe possibilitaram a ocupação de postos significativos no serviço público, com reconversão de seu capital militante em um cargo de coordenação municipal de DST/Aids. A trajetória deste militante caracteriza-se por sua multiposicionalidade em diferentes “movimentos sociais” (militância estudantil, militância partidária, militância negra e militância LGBT).

João nasceu em 1972, num bairro da zona norte da capital sergipana. Sua família materna é de Aracaju e a paterna do centro sul do estado. De origens humildes e escassos estudos, o avô materno era pedreiro e a avó ambulante. Muito católica, sua avó tornou-se uma importante liderança no bairro e exerceu forte influência em sua vida, fazendo-o participar, quando criança, da “Legião de Maria” onde desenvolveu trabalhos de caridade, visitando orfanatos e asilos. Seu pai migrou para a capital ainda jovem e exerceu várias funções de

¹³ Carvalho (2011) aponta que o próprio Estado se tornou um fomentador do quadro da militância “trans”, principalmente, em âmbito mais formal, com os cursos de capacitação das populações vulneráveis, dentro da lógica de “empoderamento”.

¹⁴ Organização não-governamental norte-americana, com atuação mundial, na área de “saúde sexual”.

trabalho: foi pescador, trabalhou em posto de gasolina e pedreiro. Conseguiu se formar em contabilidade e tornou-se funcionário público do estado (contador da Secretaria Estadual da Fazenda). Sua trajetória escolar foi realizada em escolas públicas, ora em instituições periféricas, ora em instituições mais centrais. Aos 16 anos, em 1988, em meio à retomada dos grêmios estudantis livres, fechados na ditadura militar, candidatou-se a participar de uma chapa como terceiro orador, o último cargo. Neste mesmo período, filiou-se à União da Juventude Socialista, mas por ser menor de idade, não se filiou ao PC do B (Partido Comunista do Brasil), filiando-se à base de estudantes secundaristas do PC do B. Em sua segunda candidatura ao grêmio, no ano seguinte, já participaria como presidente do grêmio, função que exerceu entre os anos de 1989 e 1990. A partir do ingresso no PC do B, percebeu que os movimentos sociais tinham uma importância grande na transformação da sociedade, que considerava ruim, principalmente pelas desigualdades sociais. Fez um estágio numa empresa de telecomunicações, no comércio, mas sempre colocava a militância à frente dos estudos e trabalho. Transferiu-se para outra escola, na zona sul da cidade, com o objetivo de fundar um grêmio livre e para cursar “técnicas bancárias”. Estudou um ano, mas no segundo ano foi proibido de renovar a matrícula. Terminou não assumindo a presidência do grêmio, pois era diretor da USES (União Sergipana dos Estudantes Secundaristas) e vice-presidente da UMESA (União Metropolitana dos Estudantes Secundaristas de Aracaju). Concluiu o 2º grau seus através de supletivo. Sua visão de mundo “esquerdista”, segundo sua análise, é fruto do contato com um professor de redação no ensino fundamental, que foi fundador do PT, da Central Única dos Trabalhadores (CUT) em Sergipe e dos sindicatos dos professores do estado e do município. “Ele provocou muito isso dentro de mim, essa vontade de revolucionar, de transformar a sociedade, de contribuir com essa luta”. No ensino médio teve contato com outro professor, poeta e ator de um grupo local, que também o estimulou a continuar com a luta. “Essas pessoas me impressionaram com seu estilo de vida, pela intelectualidade que demonstravam e pela sensibilidade e preocupação com a realidade social”. No início da década de 1990 se afastou do PC do B e ingressou no “movimento punk”, pois queria algo mais “radical”. Mas no ano de 1992, foi convidado por amigos a retornar ao partido em virtude da eleição, o que o fez deixar o “movimento”. Seu contato com o “mundo do trabalho” começou a entrar em conflito com sua militância. Em 1993 foi aprovado num concurso público, passando a trabalhar num hospital estadual no interior. Contudo, depois de sete meses, pediu exoneração do serviço. Após este período, já na capital, trabalhou em vários locais no comércio: garçon, chapeiro em lanchonete e cozinheiro. Concomitantemente à suas atividades laborais, envolveu-se em eventos e cursos artísticos. Num deles, entrou em contato com a “mobilização negra”. Sentia, entretanto, que no “movimento negro” não tinha o mesmo espaço e mesmo respaldo que os outros negros, em sua análise, por ser homossexual. Relatou ter ido ao “Grupo Dialogay” algumas vezes, não por conta de sua “orientação sexual”, mas porque o grupo estava sediado num “polo dos movimentos sociais” (movimento estudantil, grupos de teatros), o Diretório Central dos Estudantes (DCE) da Universidade Federal de Sergipe. Começou a frequentar o grupo, assiduamente, a partir de 1999, na gestão do último líder da instituição. No período passava por diversos problemas pessoais com a família e estava desempregado. Convidado a fazer parte do grupo, foi morar com outros “militantes homossexuais” (8 ou 9 pessoas), numa casa alugada pelo então presidente. Lá começaram a montar projetos e dar visibilidade ao grupo. Aprovaram seu primeiro projeto em 2000. Avalia que sua incursão no “movimento homossexual” foi vista como um problema para a família, principalmente pelo fato de “assumir publicamente sua homossexualidade”. Em contrapartida, seu engajamento era estimulado pelo membros do PC do B. No “Dialogay” foi secretário e depois foi vice-presidente e coordenou um projeto de prevenção ao HIV/Aids para os terreiros de candomblé em 2002 (Projeto “Sob a proteção dos Orixás”). Após a extinção do “Dialogay” fundou uma organização, em 2003, com outros membros do antigo grupo, a “Associação de Defesa Homossexual de Sergipe” (ADHONS). Neste período, o PT numa coligação o PC do B assumiu a prefeitura da capital.

João estava desempregado e então cursava Pedagogia em uma faculdade privada. Foi ao encontro de um amigo do PC do B que havia passado a ocupar a Secretaria de Assistência Social e pediu um emprego. Por seu perfil, foi alocado no PETI (Programa de Erradicação do Trabalho Infantil). Não chegou a concluir o curso de Pedagogia, pois foi “convidado” a se retirar em virtude de uma manifestação que fez com outros alunos contra a demissão de um professor. Em seguida, a convite de outro membro do PC do B, o então presidente da “Fundação de Cultura, Turismo e Esportes” (Funcaju), passou a exercer um cargo na Coordenadoria de Etnias do órgão. A falta de tempo livre para a militância, em virtude do trabalho na Funcaju, fez com que ele optasse pelo trabalho na prefeitura. João passou 10 meses à frente da ADHONS. Praticante do candomblé, em 2004, João assumiu a função de “ogan” no terreiro que frequenta. Além de ser o responsável por tocar os tambores nos rituais e realizar os sacrifícios de animais, o “ogan” exerce uma “função civil” de proteção da religião, com a incumbência de gerar prestígio e renda para as festas (WOORTMANN, 1987). Neste ínterim, ingressou no curso de História numa universidade privada do Estado, concluindo seu curso em 2007. Por três anos foi presidente do centro acadêmico, sendo reeleito, duas vezes. Em 2008 concluiu sua monografia de especialização em “ensino de história”, com a temática “Observando as práticas de saúde no terreiro de candomblé”, num cruzamento de suas militâncias, “negra” e no “combate ao HIV/AIDS”, com o “mundo acadêmico”. Em 2005 foi transferido para a Secretaria Municipal de Saúde e começou a trabalhar no “Programa de Combate às DSTs/AIDS” em virtude de suas experiências no “Dialogay”, fazendo “a interlocução entre o poder público e a sociedade civil”. Recentemente assumiu a função de Coordenador do Programa DST/AIDS na Secretaria Municipal de Saúde. Candidatou-se em 2008 pelo PC do B a vereador da capital. Afirma que a candidatura não foi planejada. Sua plataforma era a “defesa da diversidade”, a luta contra o racismo e homofobia. O slogan de campanha: “Eu voto na diversidade”. Em 2009 fundou a União de Negros pela Igualdade (UNEGRO/SE) da qual é coordenado geral.

Na primeira geração de ativistas em Aracaju, a modalidade de engajamento não contemplava uma intersecção com o Estado, pois este era visto inicialmente como “inimigo” ou um empecilho para o movimento. Este fato se modifica paulatinamente com a intervenção e investimento estatais no combate ao HIV/Aids. Na trajetória de João o Estado é uma esfera significativa para a manutenção de seu ativismo e também uma fonte de retribuição do seu engajamento. Em Aracaju, a ascensão do PT e do PC do B na década de 2000 na capital sergipana ofereceu ao militante uma possibilidade de intervenção junto à máquina estatal e a ocupação de determinados espaços.

Este aspecto é apontado, em nível nacional, também por Facchini (2009), pois a ascensão do Partido dos Trabalhadores (PT) na década 2000 e sua vinculação com a militância LGBT, principalmente das regiões sul e sudeste do país, possibilitaram que a mesma iniciasse uma participação efetiva junto aos quadros do governo em esfera federal. As incursões do movimento junto ao Ministério da Saúde (MS) e à Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República (SDH/PR), criada em 2003, fomentaram o surgimento de programas e planos de diferentes ordens em defesa da “cidadania LGBT”, com ressonâncias de demandas por políticas públicas em níveis estaduais e municipais, a exemplo do “Brasil Sem Homofobia – Programa de Combate à violência e à Discriminação contra GLBT e de Promoção da Cidadania Homossexual” (FACCHINI, 2009).

3.3. Engajamento de lideranças “gays” e o combate à homofobia

A relação entre sexualidade e direito, no Brasil, tem sido conjugada a partir das atuações dos movimentos “feminista”, “homossexual” e “LGBT” (FACCHINI, 2009). Historicamente, no movimento “homossexual” de Aracaju, a inauguração de uma “Delegacia das Mulheres”, em meados da década de 1980 e o debate sobre a “violência de gênero” foram acolhidos pelo “Dialogay”, principalmente na defesa das mulheres “negras e homossexuais” (JORNAL DA MANHÃ, 1989). Em 1991, ao comemorar 10 anos de existência, o grupo realizou uma campanha acerca da existência de uma “Violência Anti-Gay” que permeava a sociedade sergipana. Assassinatos, espancamentos, agressões morais e até estupros, foram denunciados como recorrentes na capital do estado, principalmente durante a “vida noturna” dos “homossexuais”, ou ainda, por seus “parceiros” (JORNAL DA CIDADE, 1991).

Um “Dia de protesto contra a violência aos homossexuais”, promovido pelo “Dialogay” e pelo “Grupo Gay da Bahia”, parceria existente desde a criação da associação, viria a acontecer em 1992, com a inauguração da “Rua 28 de junho” (“Dia Internacional do Orgulho Gay”) num bairro da zona sul da cidade. O fato, por si só, denota uma inserção política significativa da entidade. Segundo a notícia do jornal:

Além de inaugurar a rua, os homossexuais através do Dialogay, lançaram um cartaz denunciando o assassinato de gays e apresentaram um “manual” de defesa contra a violência “anti-gay” e ainda o “Holocausto Gay” com flâmulas em memória dos mártires da *homofobia* no Brasil (JORNAL DA MANHÃ, 1992, grifo nosso).

A palavra “homofobia”, segundo Lacerda (2006), ao pesquisar as “representações sobre os crimes e a homossexualidade” em jornais, também apareceu na imprensa carioca em 1992, referindo-se a um “horror ao homossexual”. Contudo, segundo Facchini (2009, p. 136), somente 1996, surgiu o primeiro documento oficial no Brasil que “reconhecia publicamente *homossexuais* no campo da promoção dos direitos humanos”, o Plano Nacional de Direitos Humanos (PNDH).

Em Sergipe, alguns eventos apontam a aceitação e o apoio político local às reivindicações em torno do “combate à homofobia”: 1) a criação de “Centro de Atendimento a Grupos Vulneráveis”, em 2003, com atendimento exclusivo a mulheres, crianças, adolescentes, e grupos vulneráveis (homossexuais, idosos, negros e indígenas) (AGÊNCIA SERGIPE DE NOTÍCIAS, 2011); 2) a aprovação, em 2007, na Câmara Municipal de Aracaju, de um projeto de lei que institui o dia “17 de maio” como “Dia municipal de combate á homofobia” (PORTAL INFONET, 2007); 3) a criação em 2008, numa articulação entre a Secretaria de Segurança Pública do Estado a militância local, de um “Centro de Combate à Homofobia”.

A modalidade de engajamento de lideranças no “combate à homofobia” (Francisco, Renato, Rafael e Gabriel) em Aracaju aponta uma série de características muito diferenciadas de gerações anteriores. As origens sociais, à exceção de Francisco, são de agentes de classe média e média alta (ver Quadro 2). Todos têm nível superior concluído ou em curso. Francisco é doutorando em Ciências Sociais e Renato é operador de segurança (delegado de polícia), ambos itinerários ilustrativos do que se definiu como “modalidade de participação política *expert*”. A “modalidade de participação *expert*” se caracteriza pela confluência entre o ativismo e a especialização profissional, com a produção de conhecimento específico, neste caso a “homofobia”.

Quadro 2. Propriedades sociais dos agentes

Nome	Vinculação Organizacional	Início de atuação (década)	Escolaridade	Profissão/ Ocupação
José	Dialogay	1980	Nível médio	Assistente Administrativo
Tadeu	Dialogay	1980	Nível médio	Ator
João	Dialogay/Adhons /Sec.Mun. de Saúde	Final 1990	Lic. em História	Coord. Mun. do Prog. de DST/Aids
Francisco	Dialogay	Final 1990	Doutorando (Sociologia)	Prof. univ.
Renato	Sec. Est. de Segurança Pública	2000	Direito	Del. de polícia
Rafael	Mexam-SE	2000	Sup. incompleto (Direito)	Estudante
Gabriel	Mexam-SE	2000	Sup. incompleto (Enfermagem)	Estudante

Interessa-nos perceber que a atuação de “peritos” da mobilização, como demonstra Sívori (2007) no movimento GLTTB argentino, deve ser entendida como uma forma “racionalizada” e “especializada” de tradução de demandas da militância para a criação de políticas públicas pelo Estado, ou ainda, para a consecução de ações militantes em andamento de projetos. A “modalidade *expert*” traz como principal característica a continuidade entre os universos acadêmicos e militantes, principalmente no que diz respeito às temáticas trabalhadas e aos posicionamentos político-ideológicos de seus autores.

No caso de Renato há reconversão dos “capital militante” em ocupações de postos na esfera pública, ou ainda, no caso de Francisco, na própria carreira acadêmica. Além disso, observa-se a incursão dos agentes em redes sociais informais (de amizade) e formais (trabalho/acadêmica) que garantiram o ingresso e a permanência na “luta”.

Em relação aos jovens líderes Rafael e Gabriel, do Grupo Mexam-SE, criado em 2010, o uso de plataformas virtuais de comunicação (Orkut e Facebook) foi o principal expediente para a formação de uma rede social de amizades que culminou no engajamento dos mesmos. Alia-se este fato

também isto a elementos como a forte socialização religiosa (Gabriel) e experiência em instituições internacionais de mobilização LGBT e submissão à violência “homofóbica” no seio familiar (Rafael).

Além disto, no caso de Renato, tem-se novamente a imbricação entre militância e poder estatal, sendo ele um agente do próprio estado que milita em prol da causa do combate à homofobia, com participação destacada na criação do “Centro de Combate à Homofobia” do estado de Sergipe. Vejamos sua biografia.

Renato é um operador de segurança (delegado) em Aracaju. Nasceu em Salvador-BA no ano de 1974. Seus pais têm baixo nível escolar, não chegando a completar o ensino fundamental e foram funcionários públicos. A mãe secretária na Companhia de Saneamento da Bahia e o pai funcionário da Petrobrás. Possui dois irmãos. Destacou as condições sociais favoráveis de sua mãe, cujo pai havia sido juiz de direito no interior da Bahia. Renato não chegou a conhecê-lo. Ao relatar a existência de experiências políticas na família, apontou a figura de um tio materno, um advogado que havia se envolvido com movimento estudantil em sua juventude, fora deputado estadual e secretário de segurança pública. Seu pai também teve envolvimento políticos, chegando a ter participação no sindicato da Petrobrás. Renato estudou em colégios particulares desde a educação infantil. No início da adolescência foi estudar no “Colégio do Salesiano”, um colégio tradicional, de grande porte e religioso, até ingressar no curso de Direito da Universidade Católica de Salvador. No período em que estudou no Salesiano acompanhava de longe a atividade do grêmio estudantil da escola, não tendo maiores envolvimento. Na faculdade, no entanto, teve “um envolvimento mais engajado”, chegando a participar da diretoria do centro acadêmico. Durante a faculdade chegou a estagiar em um escritório modelo de prevenção a acidentes da Ordem dos Advogados do Brasil (OAB) em Salvador, um trabalho assistencial da instituição. Considera que sua adolescência foi “mediocre e alienante”, sem envolvimento políticos, com um mergulho nos estudos tentando “fugir” de sua orientação sexual. Ao concluir a faculdade, ingressou na carreira pública de delegado. Através de um convênio entre a Universidade Federal de Sergipe, a Academia de Polícia (Acadepol) e a Secretaria de Segurança Pública do Estado, participou de uma “Especialização em gestão estratégica em segurança pública”. O tema de seu trabalho de conclusão foi “Homofobia, controle social e políticas públicas de atendimento”. Também possui uma especialização em Ciências Criminais, com trabalho também com tema relacionado à “homofobia”, desta feita, numa perspectiva “vitimológica”. *“Aí as coisas começam a mudar pra mim. Aí nesse momento eu faço um trabalho de pesquisa de campo, onde eu conheço as ONGs, algumas dessas ONGs, algumas dessas lideranças do movimento social que me auxiliam nessa coleta de dados”*. Questionado acerca da escolha do tema de seu trabalho, Renato afirma que esta se deu por influência de uma amiga, também operadora de segurança (juíza), que “admira muito”. A amiga tem uma história de engajamento pessoal (movimento estudantil) e familiar (pai perseguido político durante a ditadura militar). Por conta desse trabalho acadêmico foi convidado a participar em 2007, do “I Seminário Nacional de Segurança Pública e Direitos Humanos, Prevenção e Combate à Homofobia”. Durante as atividades do seminário afirma que *“passou se questionar sobre seu papel institucional”*. Na apresentação de uma mesa-redonda, onde havia a participação do ex-presidente do “Grupo Gay da Bahia”, Renato resolveu fazer uma pergunta e, durante sua fala realizou o que denomina de “catarse”, afirmando ser delegado de polícia e “gay”. *“Assumi publicamente a minha homossexualidade. [...] Aquilo teve uma repercussão muito grande, [...], eu perdi o sono naquela noite, porque eu falei aquilo que eu tinha necessidade de falar, e aí assumi um compromisso ali, de voltar pra Sergipe e levantar essa bandeira”*. Ao retornar à Aracaju foi convidado para estar à frente da implementação do “Centro de Combate à Homofobia” no estado pelo então Secretário de Segurança Pública. [...]. *A partir daí eu me voluntariei, participei de todas as atividades que o Centro (de Combate à Homofobia) realizou: simpósio de diversidade sexual, fórum de direito homoafetivo com a*

*parceria da OAB, seminário de direitos humanos prevenção e combate à homofobia e um projeto muito legal, numa parceria com a UNIDAS, que foi o balcão de direito”. Renato relata a percepção de mudanças pessoais e profissionais após sua vinculação voluntária à mobilização política LGBT em Aracaju. No campo profissional foi convidado para trabalhar na Corregedoria da Polícia, em virtude de ser percebido como uma pessoa “idônea”. Além disso, tem sido constantemente convidado a participar de eventos, “praticamente todo mês eu tenho viajado”. Atualmente está à frente da articulação de uma “Rede Nacional de Operadores de Segurança LGBT”. No campo pessoal, sua mudança de postura lhe rendeu a sensação de estar mais encorajado e autoconfiante, fato que tem até mesmo se refletido na escolha de seus parceiros afetivos, que têm de respeitar sua postura profissional e seu *coming out*.*

IV – Considerações Finais

Ao longo do trabalho, que analisa o engajamento de sete lideranças “gays” em Aracaju no período compreendido entre os anos de 1981-2011, observou-se os elementos que tornaram possível a estes agentes a ocupação destes espaços de poder. As mudanças de contextos sociais, aliadas às distintas trajetórias dos líderes em questão expuseram diferentes modalidades de participação política dentro dos movimentos “homossexual” e “LGBT” na capital sergipana.

Tomando-se como níveis de análise as origens sociais, as propriedades dos agentes, as redes sociais e as lógicas de engajamento e retribuição, observou-se o quanto as redes de amizade e as redes familiares são importantes para a inculcação nos agentes de um “gosto” pelas lutas da mobilização social. A politização ou o comportamento de liderança daqueles que fazem parte destas redes em diferentes esferas (religiosa, comunitária, político partidária, escolar, acadêmica e artística) criam situações propícias para o desenvolvimento de uma percepção e de um sentido para o engajamento e, no caso destes agentes, da importância da luta pelos direitos dos “homossexuais” e dos “LGBT”.

Além disso, os afetos mobilizados por situações de violência, pela acolhimento de outros LGBT e de aceitação de familiares e amigos pós-engajamento, parecem ser importantes para a manutenção da participação de boa parte dos agentes.

Não obstante, numa dimensão macrosociológica, as mudanças sócio-históricas ao longo dos últimos 30 anos: abertura política pós-ditadura militar no

final da década de 1970, surgimento e combate da epidemia do HIV/Aids, os investimentos financeiros do Estado no controle da disseminação do vírus e a ascensão de partidos de esquerda, formam um conjunto de oportunidades políticas indispensáveis para o engajamento das lideranças.

V - Referências bibliográficas

ABERS, Rebecca; BULLOW, Marisa Uon. Movimentos sociais na teoria e na prática: como estudar o ativismo através da fronteira entre Estado e sociedade? **Sociologias**, Porto Alegre, ano 13, nº 28, set./dez. 2011, p.52-84. Disponível em: www.scielo.br. Acesso em: 15 de março de 2012

ALBUQUERQUE JUNIOR, Durval; CEBALLOS, Rodrigo. **Trilhas urbanas, armadilhas humanas**: a construção de territórios de prazer e de dor na vivência da homossexualidade masculina no Nordeste brasileiro nos anos setenta e oitenta. Disponível em: http://www.cchla.ufrn.br/ppgh/docentes/durval/artigos/segunda_remissa/trilhas_urbanas.pdf. Acesso em 15/08/2011.

BOURDIEU, Pierre. A ilusão biográfica. In: _____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 9ª ed. Campinas: Papirus, 2008a, p. 74-82.

_____. Cultura e política. In: _____. **A distinção**: crítica social do julgamento. São Paulo: Edusp; Porto Alegre: Zouk, 2008b, p. 37-433.

_____. Violência simbólica e lutas políticas. In: _____. **Meditações Pascalianas**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2007, p. 199-233.

_____. É possível um ato desinteressado. In: _____. **Razões práticas**: sobre a teoria da ação. 9ª ed. Campinas: Papirus, 2008c, p. 137-156.

BRASIL. Ministério da Saúde. **História da aids**, s/d. Disponível em: <http://www.aids.gov.br/pagina/historia-da-aids>. Acesso em 06 jun. 2012.

BRITT, Lory; HEISE, David. From shame to pride in identity politics. In: STRYKER, Sheldon; OWENS, Timothy J.; WHITE, Robert W. (org.). **Self, identity, and social movements**: social movements, protest, and contention. Vol. 13. Minneapolis: University Minnesota Press, 2000, p. 252-268.

BROCA, Christophe; FILLIEULE, Olivier. Act up ou les raisons de la colère. In: TRAÏNI, Christophe (org.). **Émotions...Mobilisation!** Paris: Science Po, les Presses, 2009, p. 141-166.

CARVALHO, Mario Felipe de Lima. **Que mulher é essa?**: identidade, política e saúde no movimento de travestis e transexuais. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), 2011. (Dissertação de Mestrado)

CORADINI, Odaci Luiz. As elites como objeto de estudo. In: ____ (org.). **Estudos de grupos dirigentes no Rio Grande do Sul**: algumas contribuições recentes. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008, p. 7-18.

DIANI, Mario. Networks and Social Movements: a research programme. In: DIANI, Mario; MCADAM, Doug. **Social movements and networks**: relational approaches to collective action. New York: Oxford University Press, 2009, p. 299-319.

DELLA PORTA, Donatella; DIANI, Mario. **Social movements**: an introduction. Oxford: Blackwell Publishing, 2006.

FACCHINI, Regina. Movimento homossexual e construção de identidades coletivas em tempos de AIDS. UZIEL, Ana Paula; RIOS, Luis Felipe; PARKER, Richard. **Construções de sexualidades**: gênero, identidade comportamento em tempos de AIDS. Rio de Janeiro: PALLAS, 2004, p. 151-168.

____. **Sopa de letrinhas?**: movimento homossexual e produção de identidades coletivas nos anos 90. Rio de Janeiro: Garamond, 2005.

____. Entre compassos e descompassos: um olhar para o “campo” e para a “arena” do movimento LGBT brasileiro. **Bagoas**, Natal, n. 04, 2009, p. 131-158.

FIGARI, Carlos. **Os outros cariocas**: interpelações, experiências e identidades homoeróticas no Rio de Janeiro séculos XVII ao XX. Belo Horizonte: Editora UFMG; Rio de Janeiro: IUPERJ, 2007.

FILLIEULE, Olivier. Propositions pour une analyse processuelle de l'engagement individuel: post scriptum. **Revue française de science politique**, vol. 51, nº 1-2, février-avril, 2001, p.199-217

GAXIE, Daniel. Economie des partis et rétributions du militantisme. **Revue française de science politique**, nº 1, 1977, p. 123-154.

____. **Le cens caché**: inégalités culturelles et ségrégation politique. Paris: Éditions du Seuil, 1978.

GREEN, James N. **Além do carnaval**: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX. São Paulo: Editora UNESP, 2000a.

_____. “Mais amor e mais tesão”: a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **Cadernos Pagu**, Campinas, nº 15, 2000b. Disponível em: <http://www.pagu.unicamp.br/files/cadpagu/Cad15/n15a12.pdf>. Acesso em 10 de janeiro de 2010.

HOLANDA, Carla Cassiane Constantino de; VIEIRA, Ana Cristina de Souza. Determinantes e mobilização social. Determinantes e mobilização social: a epidemia do HIV e Aids no Brasil e na África do Sul. In: I Conferência Nacional de Políticas Públicas contra a Pobreza e Desigualdade, 2010, Natal. **Anais...**, Natal: UFRN, 2010.

LACERDA, Paula. **O drama encenado**: assassinatos de gays e travestis na imprensa carioca. Rio de Janeiro: Programa de Pós-Graduação em Saúde Coletiva (UERJ), 2006. (Dissertação de Mestrado)

LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: FERREIRA, Marieta Moraes de; AMADO, Janaína. **Usos e abusos da história oral**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006, p. 167-182.

MACRAE, Edward. Os respeitáveis militantes e as bichas loucas. In: MACRAE, Edward et al (org.). **Caminhos cruzados**: linguagem, antropologia e ciências naturais. São Paulo: Editora Brasiliense, 1982, p. 99-111.

MARSIAJ, Juan P. Pereira. Gays ricos e bichas pobres: desenvolvimento, desigualdade socioeconômica e homossexualidade no Brasil. **Cadernos AEL**: homossexualidade, sociedade, movimento e lutas. Campinas, vol. 10, n.18/19, 2003.

MATONTI, Frédérique; POUPEAU, Franck. O capital militante: tentativa de definição. **Actes de la Recherche en Science Sociales**, n. 155, 2004, p. 5-11. (tradução livre de Ernesto Seidl)

OLIVEIRA, Wilson José Ferreira de. **Posições de classe, redes sociais e carreiras militantes no estudo dos movimentos sociais**. Anais II Seminário Nacional “Movimentos Sociais, Participação e Democracia. Florianópolis, 2007, p. 670-690.

_____. Engajamento político, competência técnica e elites dirigentes do movimento ambientalista. **Revista Sociologia e Política**. Curitiba, v.16, n.30, p. 167-186, 2008. Disponível em:

<http://ojs.c3sl.ufpr.br/ojs2/index.php/rsp/article/view/13859/9333>. Acesso em 07 de outubro de 2009.

_____. Significados e usos sociais da expertise na implementação de políticas pública de gestão ambiental. *Sociedade e cultura*, Goiânia, v.12, n.1, p. 139-150, jan./jun, 2009. Disponível em: <http://www.revistas.ufg.br/index.php/fchf/article/viewArticle/4460>. Acesso em 18 de novembro de 2009.

PASSY, Florence. Social networks matter. But how? In: DIANI, Mario; MCADAM, Doug. **Social movements and networks**: relational approaches to collective action. New York: Oxford University Press, 2003, p. 21-48.

_____. **L'action altruiste**. Paris-Genève: Droz, 1998.

PASSY, Florence; GUGNI, Marco. Life-spheres, networks and sustained participation in social movements: a phenomenological approach to political commitment. **Social Forum**, vol. 5, nº 1, p. 117-144, 2000.

REZENDE JUNIOR, José. **A peleja do Doutor Camisinha contra a aids e o preconceito**. Disponível em: <http://sistemas.aids.gov.br/blogvidas/>. Acesso em 13 de julho de 2010.

ROSA, Gilvan dos Santos. **Terceiro Setor**: um estudo no Grupo Dialogay de Sergipe. Aracaju: Universidade Tiradentes, 2005. (monografia de Especialização no Terceiro Setor e Políticas Públicas).

SIMÕES, Júlio; FACCHINI, Regina. **Na trilha do arco-íris**: do movimento homossexual ao LGBT. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2009.

SÍVORI, Horacio Federico. **Ativistas e peritos no movimento GLTTB-AIDS argentino**: ciência e política da identidade sexual. Rio de Janeiro: Programa de Pós- Graduação em Antropologia Social (UFRJ), 2007. (Tese de doutorado)

SOMMIER, Isabelle. Les états affectifs ou la dimension affectuelle des mouvements sociaux. In: FILLIEULE, Olivier; AGRİKOLIANSKY, Éric; SOMMIER, Isabelle. **Penser les mouvements sociaux**: conflicts sociaux et contestations das les sociétés contemporaines. Paris: Edition La Decouverte, 2010, p. 183-202.

WOORTMANN, Klass. **A família das mulheres**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1987.

JORNAIS

DIALOGAY promove palestra contra a violência à mulher, **Jornal da Manhã**, Aracaju, 22 mar. 1989.

GRUPO Dialogay condena violência homossexual, **Jornal da Cidade**, Aracaju, 29 dez. 1991.

GRUPO Dialogay inaugura uma rua, **Jornal da Manhã**, Aracaju, 29 e 30 mar. 1992.

OUTROS DOCUMENTOS

APROVADO projeto que institui dia municipal contra homofobia. **Portal infonet**, Aracaju, 29 jun. 2007. Disponível em: <http://www.infonet.com.br/>. Acesso em 01 de junho de 2011.

DIREITOS das sergipanas são garantidos na Delegacia da Mulher. **Agência Sergipe de Notícias**, Aracaju, 22 de mar. 2011. Disponível em <http://www.agencia.se.gov.br/>. Acesso em 01 de junho de 2011.